

## HOMICÍDIO EM IDOSAS BRASILEIRAS: DIFERENÇAS REGIONAIS E INFLUÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS

Rislayne Gomes Ferreira<sup>1</sup>; Ana Patrícia da Silva Alves<sup>2</sup>; Priscila Thamiris Pinheiro Filgueira<sup>3</sup>; Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes<sup>4</sup>, Rosana Alves de Melo<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Pernambuco, rislayne96@hotmail.com; <sup>2</sup>Universidade de Pernambuco, Ana.Silva.Alves@hotmail.com; <sup>3</sup>Universidade de Pernambuco, priscilla\_bernardo2012@hotmail.com; <sup>4</sup>Universidade de Pernambuco, flavia.fernandes@upe.br; <sup>5</sup>Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, rosananurse@hotmail.com;

### RESUMO

**Introdução:** o crescimento de vítimas de homicídios do segmento populacional de idosos possui relação direta ao aumento de indivíduos nesta faixa etária. **Objetivo:** avaliar os homicídios perpetrados contra mulheres idosas, as diferenças entre as regiões brasileiras e influências sociodemográficas e econômicas no período de 2003 a 2012. **Metodologia:** estudo descritivo do tipo ecológico para reconhecimento das variações regionais, temporais e relações socioeconômicas dos óbitos em idosas no Brasil. **Resultados:** observou-se variação significativa da taxa média de homicídios em idosas entre as regiões brasileiras sem diferenças relevantes quanto às faixas etárias observadas, associadas ao aumento significativo desta taxa no ano de 2006 seguida de redução no ano de 2007, não havendo relações significativas com os indicadores socioeconômicos. **Discussão:** as idosas emergem em meio ao cenário dos homicídios como grupo de eminente vulnerabilidade tornando-as predispostas aos mais variados tipos de violência e conseqüentemente ao homicídio, além de estarem contidas no grupo populacional que sofre presumível interferência das relações de gênero provenientes de uma cultura patriarcal nos mais variados aspectos de vida. **Conclusão:** o estudo evidenciou diferenças regionais consideráveis nas taxas de homicídio em idosas no período estudado com tendência temporal de oscilação e redução no último ano avaliado, não havendo variações significativas entre as faixas etárias analisadas e possibilidade de constatação que as taxas de homicídio em idosas sofreram influência dos elementos socioeconômicos considerados.

**Palavras-chave:** Homicídio, Idoso, Fatores Socioeconômicos, Violência contra Mulher.

### ABSTRACT

**Introduction:** the growth of homicide victims in the elderly population segment is directly related to the increase of individuals in this age group. **Objective:** to evaluate homicides perpetrated against elderly women, the differences between Brazilian regions, and sociodemographic and economic influences from 2003 to 2012. **Methodology:** a descriptive study of the ecological type for the recognition of regional, temporal and socioeconomic variations of deaths among elderly women in Brazil. **Results:** there was a significant variation in the average homicide rate in the elderly among the Brazilian regions, with no significant differences in the age groups observed, associated to the significant increase of this rate in 2006 followed by a reduction in the year 2007, with no significant relationships with Socioeconomic indicators. **Discussion:** The elderly emerge amid the homicide scenario as a group of eminent vulnerability making them predisposed to the most varied types of violence and consequently to homicide, besides being contained in the population group that suffers presumed interference of the gender relations coming from a culture patriarchal, the women. **Conclusion:** The study evidenced considerable regional differences in homicide rates among the elderly in the studied period, with a tendency for oscillation and reduction in the last year evaluated, there were no significant variations between the analyzed age groups and it was possible to verify that the homicide rates in the elderly were influenced by the socioeconomic elements considered.

**Keywords:** Homicide, Aged, Socioeconomic Factors, Violence Against Women.

## INTRODUÇÃO

O aumento no número de óbitos em decorrência de causas externas tem adquirido significativa relevância no atual contexto socioeconômico brasileiro, além de ter conquistado posição notória dentre os principais problemas de saúde pública que assolam o país. Este fato deve-se predominantemente à capacidade destes óbitos repercutirem negativamente sobre o âmbito coletivo, embora acometam os indivíduos em sua singularidade, se caracterizando como fenômenos sociais<sup>1</sup>.

Contidas no Capítulo XX da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID 10), as causas externas de morbimortalidade comportam a categoria dos homicídios que são definidos como lesões infligidas por terceiros, voluntária ou involuntariamente, que resultam em morte<sup>2</sup>. Ainda assim, as circunstâncias das quais resultam os homicídios e suas consequências, não se dispõem de maneira homogênea entre países, regiões, faixas etárias ou gêneros<sup>3</sup>.

Mundialmente, estima-se que 475 mil pessoas tenham sido vítimas de homicídio no ano de 2012, o que representa uma taxa de 6,7 por 100 mil habitantes, distribuída predominantemente em países de média e baixa renda. Neste mesmo ano, a região das Américas foi detentora do maior número e taxa de homicídios (165.617 casos - 28,5 por 100 mil habitantes), estando o Brasil situado na 9ª posição entre os países desta região com maior taxa de homicídios, estimada em 32,4 por 100 mil habitantes<sup>3</sup>.

O crescimento de vítimas de homicídios pertencente ao grupo dos idosos, que inclui indivíduos com 60 anos ou mais, possui relação direta ao aumento de indivíduos nesta faixa etária, com taxa de crescimento populacional estimada em 4% ao ano, entre 2012 a 2022. Este período de acelerada transição demográfica acarreta importantes implicações a nível individual, familiar e social, assegurando-lhes um *status* de relevância no contexto das violências letais<sup>4</sup>. Estes óbitos ocorrem em virtude do arranjo das vulnerabilidades e instabilidades de cunho individual ou social, passíveis de prevenção e enfrentamento que devem incluir em seu processo as mais variadas esferas sociais: família, escola e comunidade<sup>5</sup>.

As relações de gênero destacam-se no contexto das violências letais subsistindo de modo independente à faixa etária onde estão inseridas as vítimas, na qual se incluem as idosas. Embora o número de homicídios masculinos excedam os femininos, frequentemente estes são motivados por razões de gênero, que recebe a denominação de feminicídio. Apesar desta violência não ser definida

como fato atual e sim tão antigo quanto à humanidade e suas raízes históricas, a recente preocupação com este cenário deve-se à necessidade constante de sua prevenção e superação para uma construção social adequada<sup>6</sup>.

Mediante o contexto de prevalência dos homicídios em idosas, seus fenômenos causais e reflexos negativos, o presente trabalho tem por objetivo avaliar os homicídios perpetrados contra mulheres idosas, as diferenças entre as regiões brasileiras e influências sociodemográficas e econômicas no período de 2003 a 2012.

## **METODOLOGIA**

Foi realizado um estudo descritivo do tipo ecológico para reconhecimento das variações regionais, temporais e relações socioeconômicas dos óbitos em idosas no Brasil com corte histórico de 10 anos iniciado em 2003 e finalizado em 2012. Para a construção do banco de dados, que se fez presente no transcorrer da pesquisa, foram utilizadas informações do Sistema de Informação sobre Mortalidade do Sistema Único de Saúde (SIM/SUS) e dados sociodemográficos e econômicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) disponibilizadas por meio do DATASUS.

A coleta de dados proporcionou o agrupamento de informações acerca dos óbitos por homicídios a partir da Classificação Internacional de Doenças em sua 10<sup>a</sup> Revisão (CID-10), por meio da qual foram inclusas na amostra os códigos referentes às Agressões do X85 ao Y09. Para a construção do banco foram consideradas as variáveis explicativas: ano do óbito, faixa etária (60 a 69 anos; 70 a 79 anos e 80 ou mais), população residente no mesmo local e período, renda média domiciliar *per capita*, índice de Gini da renda domiciliar *per capita*, razão de renda, proporção de pessoas com baixa renda, taxa de desemprego em pessoas com 16 anos ou mais, população desocupada em pessoas com 16 anos ou mais, população economicamente ativa em pessoas com 16 anos ou mais, proporção de idosos residentes em domicílios na condição de outro parente.

A variável dependente analisada foi a taxa de homicídio em mulheres com 60 anos ou mais no Brasil. A fórmula foi construída incluindo no numerador o número de óbitos por homicídio e no denominador a população exposta ao risco no mesmo local e período, multiplicado por 100.000. Foram verificadas diferenças das taxas médias de homicídios de mulheres idosas entre as faixas etárias e entre as regiões brasileiras por meio do teste de Kruskal-Wallis, considerando a não normalidade da distribuição (Shapiro Wilk p – valor < 0,001). O intervalo de confiança de 95% para a taxa foi calculado assumindo a distribuição de Poisson, enquanto a tendência da taxa foi

apresentada por meio de evolução simples da taxa ao longo do período estudado para todo o país. A correlação entre a taxa e os indicadores socioeconômicos foi testada por meio da correlação de Spearman para o ano de 2010, uma vez que os indicadores são censitários, sendo o sentido da correlação indicada pelo sinal do rho. Para todos os testes adotou-se significância de 5% e para análise estatística, utilizou-se o software Stata 12.0. A construção de gráficos e tabelas foi realizada por meio do Microsoft Office Excel 2013.

Para a discussão crítica das literaturas alguns cuidados foram adotados visando à seleção dos artigos. Foram definidos critérios de inclusão para as referências bibliográficas utilizadas na construção do estudo visando à seleção de materiais condizentes ao tema proposto, os homicídios. As pesquisas foram realizadas através das bibliotecas virtuais BVS, Scielo e Pubmed, por meio das palavras-chave: Idosos, Homicídio, Violência e Vulnerabilidade, que foram agrupadas em díades e tríades. Foram consultadas também as bibliotecas do Ministério da Justiça, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), World Health Organization (WHO), Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres) com o intuito de acrescentar informações acerca do tema.

Em sua totalidade foram encontrados 57 arquivos, dos quais 11 foram selecionados através de leituras exploratórias, sucedida de uma seleção prévia dos documentos de abrangência do conteúdo e posterior leitura seletiva, analítica e interpretativa, sendo esta a última etapa do processo de escolha e análise textual. O perfil de documentos utilizados foram aqueles publicados no período entre 2013 e 2017, nos idiomas português, inglês e espanhol, com texto integralmente disponível.

O presente artigo integra uma pesquisa maior intitulada: “Óbitos por causas externas em mulheres: tendências e diferenças regionais no Brasil” e obedeceu aos preceitos éticos estabelecidos na Resolução nº 466/2012 tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Pernambuco sob o Parecer nº 1.801.211.

## **RESULTADOS**

Observaram-se variações significativas da taxa média de homicídios em idosas entre as regiões brasileiras no período estudado ( $p = 0,0001$ ), sendo possível classificar o Centro-Oeste como a região com a maior taxa entre as demais, com 4,6 óbitos por 100.000 habitantes, seguida do



Norte. Através da análise dos crimes perpetrados contra idosas, não se observaram diferenças relevantes, considerando as faixas etárias analisadas ( $p > 0,05$ ) (Tabela 1).

Tabela 1 – Taxa média de homicídios em idosas segundo região do país e faixa etária. Brasil 2003 – 2012

	Taxa Média	IC95%**		p-valor
<b>Região</b>				
Norte	3,4	2,8	4,1	
Nordeste	3,0	2,4	3,7	
Sudeste	2,5	2,0	3,1	0,0001*
Sul	2,6	2,0	3,2	
Centro-Oeste	4,6	3,8	5,4	
<b>Faixa etária</b>				
60 a 69 anos	2,8	2,4	3,3	
70 a 79 anos	3,0	2,6	3,5	0,7735*
80 ou mais	3,8	3,3	4,4	

\*Kruskal Wallis

\*\*Intervalo de confiança assumindo a distribuição de Poisson

Identificou-se que a evolução da taxa média de homicídios em idosas apresentou aumento significativo no ano de 2006, com valor de 4,1 por 100.000 habitantes, seguida de uma redução no ano de 2007 com 2,8 por 100.000 habitantes, representando o maior e menor valor registrado entre os anos de 2003 e 2012, respectivamente.

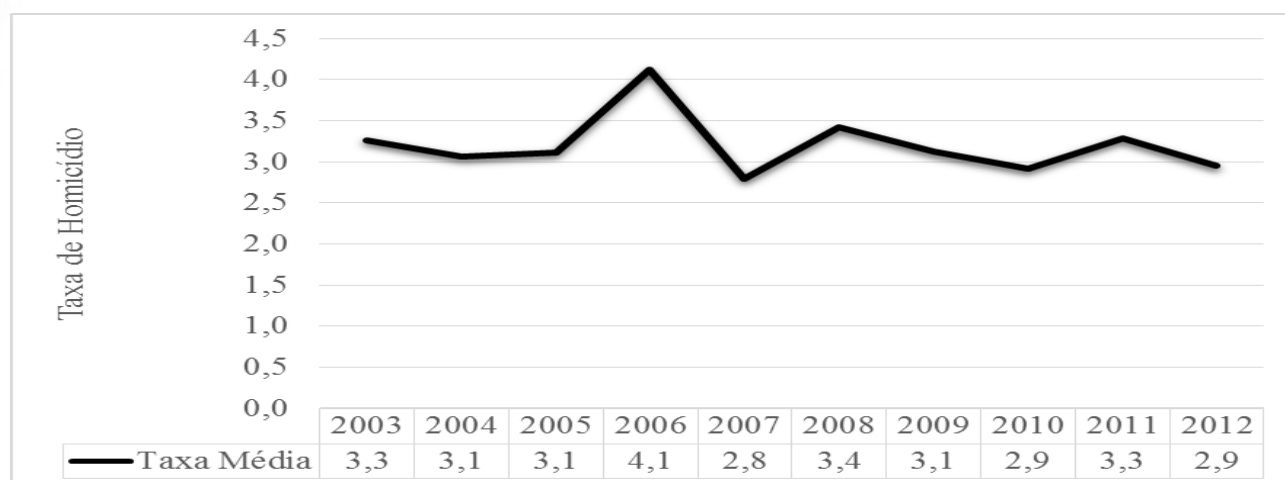


Gráfico 1 – Evolução da taxa média de homicídios em idosas. Brasil 2003-2012

As correlações realizadas entre a taxa média de homicídio em idosas e os indicadores socioeconômicos do estudo não revelaram a existência de relações significativas ( $p > 0,05$ ), anulando o pressuposto da existência de relação entre a taxa média de homicídio e estas variáveis.

Tabela 2 – Correlação entre taxa média de homicídios em idosas e indicadores socioeconômicos. Brasil 2010

	rho	p-valor*
Renda Média domiciliar <i>per capita</i>	-0,20	0,483
Índice de Gini da renda domiciliar <i>per capita</i>	0,33	0,234
Razão de renda	0,33	0,234
Proporção de pessoas com baixa renda	-0,24	0,389
Taxa de desemprego 16a e+	0,07	0,817
População desocupada 16a e+	-0,46	0,086
População economicamente ativa 16a e+	-0,44	0,104
Proporção de idosos residentes em domicílios na condição de outro parente	-0,46	0,086

\*Correlação de Spearman

## DISCUSSÃO

No ano de 2013, o Brasil alcançou uma taxa média de homicídio de 4,8 a cada 100 mil mulheres, valor 2,4 vezes superior à observada no ranking que compreende 83 países, que é de 2 óbitos a cada 100 mil pessoas<sup>7</sup>. A taxa média de homicídios femininos de um país pode sofrer variações consideráveis conforme a região em que residem as vítimas, de modo que as condições socioeconômicas, noções culturais que caracterizam as diferentes localidades, escassez de serviços de assistência às mulheres e outras vulnerabilidades passam a ser apenas alguns dos fatores que predisõem a essa variabilidade<sup>6</sup>.

Não alheio às fragilidades que promovem a divergência entre as regiões de um mesmo país, o Brasil caracterizou-se por diferentes taxas de homicídios em mulheres idosas, segundo região, entre os anos de 2003 e 2012. O Centro-Oeste apresentou a maior taxa média de homicídios em idosas nesse período, com 4,6 por 100 mil habitantes, seguido do Norte com 3,4 por 100 mil habitantes.

O Centro-Oeste ocupou o primeiro lugar dentre as regiões brasileiras com maior taxa de homicídio em idosas e situa-se na segunda posição entre as mais bem desenvolvidas, com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,757 no ano de 2010, capaz de mensurar a longevidade, educação e renda da população. Seguida desta região, o Norte destaca-se por sua posição enfática quanto à taxa média de homicídio também em idosas, assumindo a penúltima posição no *ranking* das regiões de maior nível de desenvolvimento, com IDHM correspondente ao valor de 0,667<sup>8</sup>.

As discrepâncias observadas entre as características dessas regiões e suas posições de destaque, devido às maiores taxas de homicídios em idosas, revelam que não somente os fatores socioeconômicos, mas também os culturais, exercem provável influência sobre os homicídios de cada região. A alta taxa média de homicídios em idosas na região Centro-Oeste contraria o pressuposto de que estes óbitos sejam determinados apenas por fatores socioeconômicos. Podem relacionar-se também à provável escassez de políticas públicas de combate aos homicídios, voltadas minoritariamente às mulheres, revelando a interferência ativa da cultura na perspectiva de relevância e combate aos homicídios femininos<sup>9</sup>.

As faixas etárias também emergem no contexto de variação dos homicídios em diferentes grupos populacionais como fator capaz de promover diferenças consideráveis nas taxas de morte violenta no sexo feminino, podendo estar especialmente relacionadas com condições de dependência de cunho físico, social e emocional<sup>6</sup>. Embora as faixas etárias possam exercer influência acerca destes óbitos, não foram observadas diferenças significantes entre as idades de 60 a 69 anos, 70 a 79 anos e 80 anos ou mais nos crimes perpetrados contra idosas ainda no período estudado.

As idosas emergem em meio ao cenário dos homicídios como grupo de eminente vulnerabilidade, caracterizado especialmente por sua dependência funcional, econômica e emocional tornando-as predispostas aos mais variados tipos de violência e, conseqüentemente, ao homicídio. Além deste fato, elas estão contidas no grupo populacional que sofre presumível influência das relações de gênero provenientes de uma cultura patriarcal nos mais variados aspectos de vida<sup>1</sup>.

O processo de evolução da taxa média de homicídios em idosas no Brasil, entre os períodos estudados, foi marcado por uma alternância acentuada de valores que oscilavam entre 2,8 e 4,1 por 100 mil habitantes. O ano de 2006 caracterizou-se pela maior taxa, com valor de 4,1, enquanto o ano seguinte apresentou taxa de 2,8, a menor do período analisado.

Esta alternância deve-se eventualmente a promulgação da lei 11.340, de agosto de 2006, conhecida como lei Maria da Penha, que presumidamente suscitou na queda expressiva das taxas de homicídios em mulheres nos anos seguintes. Esta lei fomentou a rigidez das penalidades para crimes não letais contra a mulher através da coibição da violência doméstica e familiar, impedindo sua progressão a casos de homicídio. Todavia, é preciso compreender que nem todo homicídio, cujas vítimas são do sexo feminino, é provocado por razões de gênero, não se configurando como feminicídios<sup>7</sup>.

O feminicídio é definido como o assassinato de uma mulher cometido em razões de gênero, envolvendo a violência doméstica e/ou familiar, o menosprezo e/ou a discriminação por condição de mulher. A Lei 13.104, conhecida como a lei do Feminicídio, criada em março de 2015, classificou-o como crime hediondo, acrescida de agravantes quando em situações individuais de vulnerabilidade, como: durante a gestação e seus três meses posteriores, em idade menor que 14 anos e maior que 60 ou contra portador de deficiências, assim como na presença de descendente<sup>10</sup>.

A renda média domiciliar *per capita*, índice de Gini da renda domiciliar *per capita*; razão de renda; proporção de pessoas com baixa renda; taxa de desemprego (16a e+); população desocupada (16a e+); população economicamente ativa (16a e+); e proporção de idosos residentes em domicílios na condição de outro parente, são apenas alguns dos indicadores socioeconômicos que refletem a condição do país, podendo assim caracteriza-lo como mais ou menos predisposto às violências e homicídios. Não obstante, a potencial repercussão destes indicadores sobre a taxa média de homicídios em idosas no Brasil, entre os anos de 2003 e 2012, não foram observadas correlações expressivas entre estes óbitos e as variáveis consideradas.

Desse modo, não é possível afirmar que a taxa de homicídio em idosas sofre interferência dos fatores socioeconômicos em questão, de forma que as razões que desencadeiam estes óbitos transcendem esta relação, incorporando as questões de gênero. Entretanto é importante ressaltar que países de baixa e média renda são marcados por profundas desigualdades de gênero, sendo impossível desassociar o feminicídio do cenário da pobreza, das desigualdades e da carência de políticas públicas de enfrentamento a esta realidade<sup>6</sup>.

Em países caracterizados por acentuadas desigualdades, as violências por condição de gênero, assim como os feminicídios, emergem como um evento coletivo capaz de transpor barreiras socioeconômicas, afetando mulheres de modo difuso. As vulnerabilidades, todavia não são as mesmas para todas, variando em intensidade e escala segundo os papéis de gênero desempenhados e sua influência no discernimento de atributos como: idade, classe social e perspectiva cultural<sup>11</sup>.



## CONCLUSÃO

O estudo em questão evidenciou diferenças regionais consideráveis nas taxas de homicídio em idosos no período estudado com tendência temporal de oscilação e redução no ano de 2007, não havendo variações significativas entre as faixas etárias analisadas. Também foi possível constatar que a taxa de homicídio em idosos não sofreu influência dos elementos socioeconômicos considerados.

As informações trazidas permitem a compreensão da complexidade da violência na pessoa idosa e remete ao interesse pela prevenção da violência contra a mulher e conseqüentemente do homicídio, mas também da necessidade de formulação de dados científicos que permitam traçar um panorama e estratégias eficazes no combate a essa problemática, assim como na formulação de políticas públicas que atuem de forma efetiva neste contexto. As limitações que podem ser destacadas no estudo devem-se à utilização de dados secundários provenientes dos Sistemas de Informações, que apresentam carência de detalhes e possíveis subnotificações.

## REFERÊNCIAS

1. Freire GA, Nardi EFR, Santos LMR, Sawada NO. Mortalidade Por Causas Externas em Idosos no Paraná, Brasil de 2001-2010. UNOPAR Cient Ciênc Biol Saúde. [Internet]. 2017 [acesso em 10 Jul 2017];15(2). Disponível em: <http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/JHealthSci/article/view/744>
2. Trindade RFC, Costa FAMM, Silva PPAC. Caminiti GB, Santos CBS. Mapa dos homicídios por arma de fogo: perfil das vítimas e das agressões. Rev Esc Enferm USP. [Internet]. 2015 out [acesso em 30 Jun 2017]; 49(5). Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n5/pt\\_0080-6234-reeusp-49-05-0748.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n5/pt_0080-6234-reeusp-49-05-0748.pdf)
3. Organização Mundial de Saúde. Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014. São Paulo (SP): Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo; 2014. 274 p.
4. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI: subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro (RJ): IBGE; 2015. 156 p.

5. Guimarães e Silva JG, Valadares FC, Souza ER. O desafio de compreender a consequência fatal da violência em dois municípios brasileiros. Interface. [Internet]. 2013 jul/set [acesso em 20 Jun 2017];17(46). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/2013nahead/aop2913.pdf>
6. Instituto Patrícia Galvão. Femicídio: invisibilidade mata. São Paulo (SP): Instituto Patrícia Galvão, 2017. 183 p.
7. Waiselfisz JJ. Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília (DF): Flacso, 2015. 79 p.
8. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Desenvolvimento humano nas macrorregiões brasileiras. Brasília (DF): PNUD, 2016. 55 p.
9. Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública. Diagnóstico dos homicídios no Brasil: subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios. Brasília (DF): Ministério da Justiça; 2015. 272 p.
10. Brasil. Presidência da República, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº. 13.104, de 9 de Março de 2015. Prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio [Internet]. Brasília, DF; 2015 [acesso em 13 Jul 2017]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm)
11. Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres). Diretrizes para investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres. Brasília (DF): ONU Mulheres, 2016. 127 p.